

# Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares

Paulo Cesar Rodrigues Carrano\*

## Resumo

O artigo resulta de estudo de caso que utilizou dupla abordagem metodológica, quantitativa e qualitativa, em escola pública de Ensino Médio no Rio de Janeiro.<sup>1</sup> Contextualiza-se a educação de jovens frente às mudanças societárias tendo como referências autores do campo sociológico que problematizam a sociologia à escala individual e processos de autonomização e a experiência de escolarização de jovens. A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas. Na primeira, aplicamos questionário estruturado a 1224 estudantes e 44 professores. Na segunda etapa, realizamos entrevistas individuais e em grupos, envolvendo professores e estudantes. Buscou-se compreender a presença das redes sociais de internet (RSI) no cotidiano escolar e seus usos por professores e estudantes. Os dados permitiram ampliar a compreensão sobre as múltiplas interações, convergências e conflitos entre os sujeitos da escola a partir das mediações dessas redes. Encontramos movimentos diferenciados de interação entre professores e estudantes e distintos níveis de habilidades docentes e discentes. Frente às redes sociais, professores expressam práticas que ainda não lograram se constituir numa reconfiguração do Projeto Político Pedagógico da escola investigada.

**Palavras-chave:** Internet. Ensino médio. Condições de aprendizagem. Juventude.

---

\* Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor da Faculdade Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista Cientista do Nosso Estado/Faperj.

<sup>1</sup> A pesquisa contou com o apoio da Faperj (Edital Apoio à Escola Pública) e CNPq (Bolsa Produtividade e PIBIC/UFF).

## A escola diante do desafio das Redes Sociais de Internet

A escola, e não apenas a de Ensino Médio, encontra-se diante de amplos processos sociais e educativos produtores de novas subjetividades que desafiam as instituições encarregadas da escolarização das novas gerações. As redes sociais de internet, que galvanizam os interesses e as energias de sociabilidade dos jovens estudantes, são, ainda, um enigma a ser decifrado por instituições e educadores. As clássicas tarefas da educação escolar estão presentes, mas as tecnologias de comunicação e interação impõem novos desafios para a organização da aprendizagem e cobram a redefinição da autoridade docente frente à relação com o saber e aos papéis sociais de professores (os que somente ensinam?) e estudantes (os que somente aprendem?). Encontra-se em jogo a própria produção de sentidos de presença na escola e a razão de ser estudante para jovens que, em grande medida, estabelecem a comparação entre as tramas multidirecionais, ágeis e dinâmicas das redes sociais e as hierárquicas relações e lentas formas de aprender e se relacionar que se cristalizaram na forma escolar.

Nossas sociedades de alta complexidade têm como um dos traços mais marcantes a diluição do poder da tradição e das heranças culturais sobre as novas gerações. Giddens (2001), em busca de uma denominação para o tipo de sociedade na qual vivemos, a denominou como “pós-tradicional”. Esta destradicionalização das sociedades seria promotora do aumento da incalculabilidade sobre os destinos sociais.

Os jovens, hoje, têm maior abertura para constituir as próprias identidades sociais e articular seus projetos de vida. Este processo pode ser denominado como a individualização do social. Evidentemente, isso não se dá fora de um quadro de desigualdades, que gera profundos contextos de insegurança, risco, incerteza e precarização social (BAUMAN, 2001; BECK, 2010; CASTEL, 1998).

Bauman (2008, p. 68) alerta para o risco da subordinação do público ao privado neste quadro de individualização da vida social, daquilo que denominou como “modernidade líquida”. Segundo o autor,

As perspectivas de os atores individualizados serem “reencaixados” no corpo da cidadania republicana são sombrias. O que os leva a se aventurar no palco público não é tanto a busca por causa comuns e maneiras de negociar o significado do bem comum e dos princípios da vida em comum, com a desesperada necessidade de “participar de redes”: compartilhar intimidades como observa Richard Sennett, tende a ser o método preferido, talvez, o único que resta para a construção de “comunidades” que são tão frágeis e de vida tão curta quanto as emoções espalhadas que vagam por aí, mudando erraticamente de um alvo para outro e perambulando para sempre numa busca inconclusa por um abrigo seguro; comunidades de preocupações, ansiedades e ódios compartilhados – mas sempre comunidades “de ocasião”: uma reunião momentânea em volta de um prego sobre o qual muitos indivíduos solitários penduram seus medos individuais. (BAUMAN, 2008, p. 68).

A despeito das análises críticas e do desencantamento de Bauman no contexto de emergência desta sociedade das redes e comunidades fluídas, que possuem a internet como espaço-tempo privilegiado, o que nos interessa ressaltar aqui, contudo, é que, no quadro da individualização contemporânea, ocorre também aquilo que já foi denominado como falha do programa institucional (DUBET, 2006) das instituições da modernidade. E isso é algo que tem diretas consequências para o processo educacional de um modo geral e para a instituição escolar, em particular.

Uma das questões mais impactantes para a educação escolar tem sido o reconhecimento de que o aluno é também um jovem e que não existe “a juventude”, mas “juventudes” (CARRANO, 2000; NOVAES, 2007). No contexto desta percepção da multiplicidade de maneiras de se ser aluno e jovem, há também a compreensão de que ser jovem significa ser sujeito das intensas transformações pessoais e societárias relacionadas com o amplo processo de desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Os jovens possuem, hoje, um campo maior de autonomia frente às instituições do denominado “mundo adulto” para construir seus próprios acervos e identidades culturais. Há uma rua de mão dupla entre aquilo que herdamos e a capacidade de cada um construir seus próprios repertórios culturais. As intensas transformações nas formas e conteúdos das instituições sociais interferem em suas condições e capacidades de promoverem processos de socialização. O que pode se chamar de crise ou esgotamento da forma escolar (VINCENT et al., 2001) se confunde com o próprio esgotamento da capacidade de resposta aos desafios contemporâneos das instituições criadas na modernidade. Indaga-se até que ponto a instituição escolar teria condições de responder, hoje, às mutações que ocorrem no campo da subjetividade juvenil sem promover mudanças significativas de princípios de atuação e de organização dos espaços-tempos cotidianos.

Estudos relacionados com a escolarização de jovens, notadamente os adolescentes, enfrentam o desafio de compreender não apenas as dinâmicas intraescolares, mas também os contemporâneos processos de constituição de identidades juvenis. Em contextos de simultânea ampliação do acesso à escola em conjunto com quadros societários de contração do mercado laboral e sua consequente indução ao alongamento do tempo de escolarização, é possível falar de uma postura geracional de “adesão distanciada” (ABRANTES, 2003) frente à escola em conjunto com diversidades de práticas, representações e trajetos de escolarização e projetos de futuro. A escolarização passa a ser, em última instância, processo de individuação frente aos tempos-espacos escolares (DUBET; MARTUCCELLI, 1998), uma vez que estes não encerram toda a experiência e subjetividades juvenis. A multiplicidade de experiências escolares encontra-se referida aos modos de ser e existir de adolescentes que possuem

fortes laços identitários nas esferas do lazer e do consumo e no caso dos jovens de classes populares também pelo mundo do trabalho.

A escola encontra-se diante de indivíduos que são muito mais do que alunos ou alunas. Os múltiplos tempos e espaços de constituição das subjetividades juvenis transcendem em muito o espaço-tempo da escola. É neste sentido que Spósito (2003) alerta que não é possível compreender o escolar fora de uma perspectiva não escolar do estudo da escola. Os adolescentes e jovens instauram cotidianos cada vez mais autônomos de interações, que os afastam das referências do mundo adulto, em especial, seus pais e professores.

Anne Barrère (2011), investigando adolescentes escolares no Brasil e na França, evidenciou aquilo que chamou de “esfera de autonomia juvenil”. Os adolescentes de hoje realizam inúmeras atividades fora da escola – não apenas de entretenimento –, que se constituem em verdadeiros investimentos pessoais mediados pelo gosto pessoal. Este verdadeiro “currículo” não escolar desenvolvido em torno de atividades explicitamente educativas e de outras, diretamente relacionadas com a sociabilidade juvenil, conforma um conjunto heterogêneo de atividades que, através dos grupos de pares e da cultura juvenil, amplia a autonomia juvenil. Dessa forma, “os testes”, provas ou desafios não seriam apenas os da escola, mas também os deste amplo campo de atividades de ocupação do tempo juvenil. E, no caso dos jovens brasileiros, o tempo dispendido com atividades relacionadas com o mundo do trabalho é significativo, notadamente para os jovens das classes populares. Em outras palavras, podemos daí depreender que a escola não está sozinha no “universo educativo”. Barrère (2011) circunscreve as atividades de caráter optativo realizadas pelos jovens em quatro grandes famílias: aquelas realizadas nos grupos de pares, as práticas culturais de sociabilidade (excursões, feriados), os lazeres organizados e aquelas do domínio das áreas digitais (jogos, telefones, computadores etc.). É neste novo contexto que a autora afirma se desenvolver o que denominou ser *L'éducation buissonnière*<sup>1</sup>. É neste último domínio das áreas digitais no tempo livre – livre inclusive do controle direto dos adultos – que se processa o desafio da compreensão da sociabilidade e das escolhas que os jovens praticam nas redes sociais de internet.

As redes sociais se constituem como paradigma emergente de novos contextos de relacionamentos e compartilhamento de experiências e saberes caracterizados pela dispersão e pluralidade, numa evidente rota de colisão com a lógica de fechamento e linearidade de escolas que se fecham entre suas “paredes” (SIBILIA, 2012). Pode-se dizer que, nas redes sociais, encontram-se um dos mais expressivos campos de experimentação para a constituição das identidades juvenis.

Alberto Melucci (2004), ao considerar que a identidade fundamenta-se unicamente em uma relação social e que esta depende da interação, do reconhecimento recíproco entre nós e os outros, assinala, então, que esta contém uma tensão irresolvida e irresolvível entre a definição que temos de nós mesmos e o reconhecimento dado pelos outros. A identidade comporta uma divergência entre a autoidentificação e a identificação fornecida pelo ambiente externo. Tornamo-nos, inclusive, aptos a concentrar e focalizar nossos esforços a fim de nos reapropriarmos daquilo que reconhecemos como nosso. Para Melucci (2004), um mundo que vive a complexidade e a diferença não pode fugir à incerteza e pede ao indivíduo a capacidade de mudar sua forma permanecendo o mesmo. O eu não estaria mais solidamente fixado em uma identificação estável: ele joga, oscila e se multiplica. *Há jogo* é a expressão usada na linguagem mecânica para indicar que uma engrenagem não está rigidamente presa em seu encaixe. Diante desta folga, o eu pode sentir medo e perder-se. Ou, então, aprender a jogar.

E este jogo é também o processo de busca da individuação, ou seja, o caminho percorrido pelo indivíduo na busca de sua independência suficiente do sistema:

[...] no processo de individuação tornamo-nos capazes de produzir, de modo autônomo, aquilo que antes necessitávamos receber dos outros. A identidade adulta é, portanto, a capacidade de produzir novas identidades, integrando passado e presente e também os múltiplos elementos do presente, na unidade e na continuidade de uma biografia individual. (MELUCCI, 2004, p. 46).

Alberto Melucci (2004) ajuda a compreender que a multiplicidade exige a consideração da identidade não como essência, mas como um campo de ação social. Esse campo de constituição da identidade se define a partir de um conjunto de relações. Assim, a identidade é, em realidade, um *eu múltiplo* que não é uma coisa, mas um processo de *identização*; de negociações constantes entre as diferentes experiências de vida. A identidade individual será tanto mais consciente quanto mais conseguir realizar negociações entre as partes que a fazem existir (CARRANO, 2000).

Nessa perspectiva, é possível dizer que uma das mais importantes tarefas das escolas é contribuir para que os jovens possam realizar escolhas conscientes sobre suas próprias trajetórias pessoais e isso inclui o desafio da construção pessoal e coletiva de conhecimentos significativos.

## **As redes sociais da Internet no contexto da cibercultura**

Desde a explosão da internet, no fim dos anos 90, experimentamos uma verdadeira revolução nas formas de comunicação e relacionamento. A internet tem sido um espaço de participação e intervenção em constante transformação, onde os indivíduos podem tratar, de forma praticamente

ilimitada, dos mais variados assuntos e tecer redes de relacionamentos em escalas antes inimagináveis. Por meio dela, pode-se, por exemplo, ir virtualmente ao mercado ou ao banco e ter ainda acesso rápido à cultura, a espaços para manifestação de opiniões e de prestação de serviço. O fato é que, com a rede mundial, passamos a conhecer e a acessar, mais direta e rapidamente, outra realidade, que nos permitiu explorar novos parâmetros de sociabilidade e de exercício de interesses. Em linhas gerais, tratamos aqui daquilo que autores contemporâneos como Levy (1999) e Castells (2000) designam como a sociedade da era da informação. Essa nova maneira de produzir e intercambiar informações ganhou o nome de cibercultura e “especifica um conjunto de técnicas, materiais e intelectuais, de práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LEVY, 1999, p. 17).

As chamadas redes sociais de internet são novas formas de comunicação e interação nas quais o cidadão pode criar perfis, encontrar e reencontrar amigos, divulgar eventos, notícias etc. Elas se tornaram instrumentos de comunicação amplamente utilizados como um espaço imaterial de sociabilidade, manifestações de protestos, difusão de informação, definição de agendas, compartilhamentos de experiências e conhecimentos.

É preciso não confundir o que estamos denominando como RSI com o clássico conceito de redes sociais, tais como foi tratado no campo sociológico (ELIAS, 1994; PORTUGAL, 2007; SCOTT, 2005; MARQUES, 2000). Redes sociais no contexto desta discussão estão relacionadas com os *sites* de internet que se caracterizam pelo estabelecimento de relacionamentos.

Síncronas e assíncronas são as duas formas que as interações no ciberespaço podem assumir. Os relacionamentos em tempo real através de mensagens instantâneas estabelecidas em canais de conversação, os denominados *chats*, são exemplo da forma síncrona de interação. A assincronia comunicativa se caracteriza pela não simultaneidade do uso do tempo entre os que interagem. O e-mail é uma dessas formas de comunicação em que o emissor necessita esperar a resposta daquele que foi objeto da mensagem (RECUERO, 2009). Os adolescentes estão cada vez distanciados da forma e-mail de interação para adotar mensagens cada vez mais instantâneas.

O Facebook ainda é a principal rede social da atualidade, em termos de popularidade e adesão. Mesmo que tenha perdido nos últimos anos parcela considerável de usuários jovens no Brasil e no mundo<sup>2</sup>. Seu principal mérito consiste na integração de diversas propriedades amplamente utilizadas antes de sua criação, tais como blog, fotolog, vlog, entre outros recursos, para, numa única conta de usuário, articular uma narrativa de si (CARRANO; ALVES, 2012). O Facebook pode ser utilizado nos computadores pessoais e também através dos chamados dispositivos móveis, tais como celulares e

*smartphones*. Tal propriedade possibilita o envio e troca de mensagens e informações instantâneas entre o usuário e outros que também estejam conectados a ele. Nesse ambiente, desde que possua um perfil de usuário, qualquer pessoa pode criar um grupo temático, em torno do qual é possível debater um assunto, além de ser possível a publicação de fotos e vídeos.

Um fenômeno recente de comunicação síncrona é o WhatsApp Messenger, um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite a troca de mensagens pelo celular sem pagar por SMS (*Short Message Service*). É possível a troca de mensagens de textos, imagens, vídeos e áudios entre telefones de marcas diferentes com a utilização do mesmo plano de dados da internet utilizado para e-mails e navegação. Não há custo para o envio de mensagens. O *site* do aplicativo na internet enfatiza a possibilidade de se estar em contato com os amigos e assim se apresenta: “*Mensagens simples. Pessoais. E em tempo real*”.

Com as inovações tecnológicas, essas ferramentas são frequentemente acrescidas de novos recursos e cada uma delas oferece uma janela de acesso às demais. Os diferentes *sites* de redes sociais, e aqui citamos somente alguns dentre os mais populares no Brasil, instauraram o princípio da instantaneidade da comunicação interpessoal. Esta ainda nova realidade das redes sociais é plena de potencialidades educativas e pode ser uma porta aberta para a interlocução com os espaços-tempos clássicos de educação, assim como se constituir em “ruído” e fonte de preocupações em contextos ainda pouco preparados para lidar com a instantaneidade das trocas interpessoais definidoras dos contemporâneos modos de relacionamentos instantâneos empreendidos pelos jovens também na escola.

A crescente popularização da internet está possibilitando a emergência de novas *culturas da participação* (SHIRKY, 2011) e de espaços-tempos de aprendizagem não hierarquicamente organizados, ainda que isso ocorra diante do quadro de desigualdades econômicas e sociais que estratificam o acesso segundo as classes sociais e locais de moradia. É possível reconhecer que há mais generosidade nas trocas comunicacionais no mundo conectado se comparado com os contextos das comunicações unilaterais dos emissores clássicos de conteúdo, quer sejam eles conteúdos midiáticos, como os que caracterizaram quase toda a história dos canais de televisão, ou ainda os conteúdos escolares que trafegavam na rua de mão única daquilo que Paulo Freire denominou de “concepção bancária da educação” (FREIRE, 1983).

O que se acostumou chamar de “mundo virtual” da internet – com todas as imprecisões que o termo pode assumir – é espaço-tempo pleno de possibilidades de reais interações humanas. Um importante campo de pesquisa se constitui com a problematização sobre linguagens e meios de comunicação, notadamente os mediados pela internet, que possuem influência sobre a constituição das

subjetividades juvenis (ALVES, 2011; REIS, 2010; SALES, 2010; SIBILIA, 2008; FISCHER, 2005; ALMEIDA; EUGÊNIO, 2006; FEIXA, 2006). Nessa direção, encontram-se as chamadas redes sociais de relacionamentos (Facebook, Twitter, Instagram etc.) que, sem exagero, já podem ser consideradas um traço civilizatório organizador dos modos de vida de jovens em todo o mundo. Assim, torna-se estratégica a realização de estudos que aprofundem conhecimentos e inventariem a multiplicidade de situações e usos que os jovens fazem dos diferentes canais de interação disponíveis na sociedade tecnológica no Brasil.

## A pesquisa

A escola de nosso estudo de caso está localizada na zona oeste do Rio de Janeiro. Esta é uma região das mais populosas do município e apresenta precárias condições na oferta educacional, em particular no número de escolas públicas de Ensino Médio. O estudo realizado se deu numa das maiores escolas da região, fundada no ano de 1956, com a inauguração de um Ginásio Público. Na região e na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ), há a representação de que esta é uma escola pioneira e que, desde a sua inauguração, oferece educação de qualidade.

A escola é exclusiva para o Ensino Médio, funciona em três turnos e possuía, no momento da realização da pesquisa, 1478 alunos matriculados no ensino regular e 200 alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), somando, portanto, um total de 1678 matriculados no ano de 2012. O colégio também possuía ensino especializado para alunos com dificuldades de aprendizagem – 7 alunos matriculados (INEP, 2013). Dados colhidos diretamente na secretaria da escola informam que, dos estudantes matriculados, 55% são do sexo feminino e 45% do sexo masculino.

A escola oferecia as seguintes modalidades nos três diferentes turnos: Ensino Médio Inovador – 20 turmas; Ensino Regular – 8 turmas; EJA – 4 turmas (2ª e 3ª séries); NEJA<sup>3</sup> – 3 turmas (1ª série; implantação); Programa Autonomia<sup>4</sup> – 4 turmas (3 no 3º módulo e 1 no 1º módulo). A escola contava com um quadro de 130 professores. Possuía resultado médio no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e taxa de participação próxima à média da rede pública estadual: desempenho de 555,38 e taxa de participação no exame de 31,9%, para o ano de 2010.

A escola tem boa infraestrutura; conta com: 17 salas de aulas, sala multimídia, auditório de 140 lugares, biblioteca, sala de informática, sala de professores com ambiente distinto para estudos e banheiros, núcleo de cultura, sala de recursos (atendimento de pessoas com necessidades educacionais especiais), sala do Sope (Serviço de Orientação Pedagógica), sala da direção, secretaria, coordenação

de turno, mecanografia, núcleo de pessoal, cozinha, despensa, quadra esportiva, pátios coberto e descoberto, banheiros para alunos com aquecimento solar nos chuveiros, além de uma horta agroecológica.

## Metodologia

A metodologia da pesquisa descrita neste artigo foi composta por duas etapas. A primeira consistiu na etapa quantitativa, com a geração e aplicação de dois diferentes questionários estruturados, com algumas poucas questões abertas e autoaplicáveis para os professores e estudantes da escola onde desenvolvemos o estudo de caso. A segunda etapa se deu através de entrevistas individuais e grupos de discussão com questões que giravam em torno dos blocos temáticos do questionário. Foi na busca por manter um fio condutor para a análise dos dados da pesquisa que tanto as questões levantadas nos grupos de discussão quanto as entrevistas individuais com estudantes e professores foram pensadas pela equipe, a partir dos blocos de questões que constituíram o questionário da pesquisa quantitativa.

Os questionários de estudantes (44 perguntas) e professores (31 perguntas) foram divididos em três blocos: o primeiro bloco composto por questões relacionadas ao perfil dos entrevistados; o segundo bloco, por questões sobre usos da internet e redes sociais e, por último, relações entre as redes sociais e a escola. O primeiro questionário foi aplicado em apenas um dia para os estudantes de todos os turnos e turmas, a fim de abranger toda a comunidade estudantil. Num segundo dia, indagamos aos professores.

A pesquisa quantitativa foi constituída por uma amostra não probabilística que procurou atingir o número total de estudantes matriculados. Ela é representativa por ter obtido respostas para os questionários de 1224 estudantes, o equivalente a 73% do universo de estudantes matriculados. A amostra de professores é menos robusta: alcançou 44 professores de um corpo docente composto por 130 indivíduos. Mais da metade dos professores têm acima de 45 anos. Dos 44 professores entrevistados, 27 têm mais de 45 anos; e 17, menos.

A fase qualitativa da pesquisa consistiu na realização de entrevistas individuais e de grupos de discussão com estudantes e professores. Também foram entrevistados oito estudantes e uma professora.

Nos quatro grupos de discussão realizados com os estudantes, contamos com a participação de um total de 28 estudantes. No turno da manhã, oito estudantes integraram o primeiro grupo, sendo três garotas e cinco rapazes, da primeira e da terceira séries. No grupo de discussão realizado à tarde, foram doze estudantes, sendo nove garotas e três rapazes, todos do primeiro ano. Já no grupo de discussão

realizado à noite, participaram oito estudantes, sendo cinco garotas e três rapazes, a maioria da segunda série.

No grupo de discussão com os professores, contamos com 7 interessados no tema, sendo eles professores de: Educação Artística e História da Arte, História, Língua Portuguesa, Educação Física, Geografia e Sociologia. Dentre eles, dois professores participavam do projeto Autonomia.

As entrevistas individuais tiveram trinta minutos de duração média. Todas elas foram realizadas sem a presença de outros estudantes ou professores, que poderiam influenciar nas narrativas. Delas, participaram estudantes de idade entre 15 e 18 anos, da primeira e da terceira séries, a maioria do sexo feminino. Já a única professora entrevistada ministra aulas de Biologia na escola há mais de quinze anos e é uma referência para os estudantes no que se refere à utilização das redes sociais.

No total, através dos grupos de discussão e das entrevistas individuais, obtivemos a participação de estudantes entre 15 e 23 anos, sendo 16 a idade mais frequente. Obtivemos também a participação de estudantes de todas as séries do Ensino Médio, sendo a primeira série a mais presente. Vale ressaltar que contamos também com a participação de dois estudantes que cursam a NEJA e um estudante que participa do “Autonomia”.

Todas as entrevistas, individuais e em grupos, foram gravadas em áudio e vídeo com qualidade técnica tendo em vista produzir material audiovisual não apenas para ser utilizado na análise de conteúdos, mas também para a produção de um vídeo-documentário. Sendo assim, o vídeo-documentário não é utilizado apenas como suporte metodológico, mas também como mediador de campo de reflexão entre os pesquisadores e os participantes da pesquisa.<sup>5</sup>

A pesquisa teve a particularidade de contar com a participação de duas professoras e quatro estudantes da escola estadual investigada na condição de bolsistas.<sup>6</sup> Nesse sentido, os dados de investigação foram acrescidos de informações e análises de sujeitos da própria comunidade escolar, que, com seus cadernos de campo, estiveram atentos para o “estranhamento do familiar cotidiano” no que tange aos usos das redes sociais e seus contextos de relacionamentos no ambiente escolar.

## **Discussão dos dados da pesquisa**

A maioria dos estudantes respondentes se encontra na faixa etária de até 19 anos (93,3%), e mais da metade são do sexo feminino (56%). Sobre a cor, podemos observar que 37% responderam ser

brancos, 36% pardos e 16% pretos. Pardos e pretos resultam em 52% dos respondentes, o que pode significar, mas não seguramente, que a escola tem metade de seus alunos de baixa renda. Esta afirmação é ancorada no diagnóstico de que, no Brasil, a pobreza tem cor e também sexo, ou seja, são negros e mulheres que se encontram nas piores posições de classe e renda em comparação com o restante da população (IPEA, 2011). Algo que merece destaque, ainda sobre a cor, diz respeito aos estudantes que decidiram não responder à pergunta – total de 68 alunos –, o que pode representar vergonha, dúvida sobre os critérios de classificação ou mesmo partilha da posição ideológica que considera que “todos são iguais” e que não importaria, então, saber a cor e a raça de alguém numa pesquisa.

A amostra de professores é composta por 27 mulheres e 17 homens, a maioria acima dos 45 anos. A informação sobre a idade se correlaciona com o resultado encontrado, que diz que a maior parte desta amostra do corpo docente está na carreira do magistério por mais de 11 anos – 29 deles. Sobre a formação profissional, quatro professores têm mestrado, e 23 possuem algum tipo de especialização, ou seja, a grande maioria possui pós-graduação. Na distribuição por áreas de conhecimento, o predomínio da amostra foi das Ciências Humanas (23), sendo 12 os professores das Ciências Exatas entre aqueles que responderam ao questionário. Nove indivíduos deixaram em branco a questão que indagava sobre a disciplina e a área de conhecimento.

As matrículas dos estudantes dos turnos manhã e tarde são representadas mais amplamente por aqueles mais novos, de até 17 anos. De forma contrária, há aumento da idade no turno da noite. Com mais de 25 anos só existem estudantes no turno noturno. O percurso escolar dos estudantes dos cursos noturnos é, em geral, caracterizado por sucessivas reprovações, abandonos e retornos. Estudar à noite torna-se a única opção para aqueles que precisam trabalhar em tempo integral e dar conta de atribuições familiares, tais como os cuidados com os filhos. O Relatório Nacional sobre o Ensino Noturno, elaborado por grupo de trabalho constituído pelo Ministério da Educação (MEC, 2006, p. 10), assim definiu a situação da oferta de escolarização para estes que, por múltiplos condicionantes, são empurrados ou optam por estudar no turno da noite:

Por serem mais intensos que os do diurno, os problemas estruturais do ensino noturno permanecem sem o devido equacionamento, fazendo que as parcelas da população sem alternativa de migrar para o período diurno, quando isso é possível do ponto de vista da oferta, permaneçam desassistidas, com a recorrente denúncia de o noturno constituir-se em escola de pior qualidade, com piores condições de trabalho e percentuais de sucesso inferiores ao diurno. (BRASIL/MEC, 2006, p. 10).

O turno da manhã abriga a maioria das matrículas (41,3%), estando as mulheres em maior número. O turno da noite, a situação se inverte: são os homens o perfil predominante.

Só nove alunos que têm filhos estudam de manhã (6,6%), enquanto mais da metade dos que têm filhos estudam no turno da tarde, quase equilibrando este turno com o da noite. Dos que têm filhos, 56% são pardos ou pretos. Desta frequência, podemos inferir também uma questão de classe, já que famílias numerosas são características da população com baixa renda, pressupondo também que ter um filho cedo pode significar a abertura de novos nascimentos na família. Em nossa amostra, quase metade dos matriculados na EJA têm filhos (48%), enquanto apenas 8,3% dos que têm filhos estão no ensino regular. Dos que têm filhos, apenas 9% trabalha; a maioria mulheres (60,8%).

Há uma forte correlação entre a idade de iniciação sexual dos adolescentes, a taxa de fecundidade, os níveis de escolarização e a posição social. As mais altas taxas de escolarização e os melhores níveis socioeconômicos correspondem também a menores taxas de fecundidade entre adolescentes, assim como a maior incidência de uso de preservativos para os jovens que se iniciaram sexualmente antes dos 14 anos. Pesquisa feita pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) (BASTOS et al., 2008), financiada pelo Ministério da Saúde, revelou que as mulheres brasileiras têm filhos cada vez mais cedo: a idade média passou para 21 anos. E cresceu de 3% para 5,8% o índice de meninas de 15 anos com filho. O impacto deste evento precoce deve ser estudado em termos de escolaridade. A discussão sobre a gravidez na adolescência tem de ser feita com cuidado, para que não se reforcem estigmas sobre as adolescentes pobres. O Ministério da Saúde (2007) ressalva a diferença entre a gravidez ocorrida antes dos 14 anos, cuja incidência pode estar associada com a violência sexual, e a gravidez após os 15 anos, que, em grande medida, vincula-se à busca de autonomia, segurança e mesmo da melhoria da autoimagem social. O Brasil experimenta quebra histórica da taxa de fecundidade, aproximando-se dos padrões dos chamados países desenvolvidos. A faixa etária adolescente constitui, contudo, exceção. Se, por um lado, a gravidez na adolescência não é apenas um dado de “precocidade” referido a um parâmetro ideal da idade de início da vida reprodutiva, por outro lado, ela se apresenta como um dos indícios da quebra da linearidade do percurso de transição para a vida adulta. Os percursos idealizados e constituídos por estações biográficas bem delimitadas já não correspondem à realidade.

Sobre as séries, os resultados seguem o padrão nacional, ou seja, são muitos os matriculados no primeiro ano. No segundo ano, há atraso na relação idade-série, podendo significar repetência ou não, e no terceiro e último ano, é menor o número de estudantes em comparação à matrícula inicial no

primeiro ano. Em nosso perfil, encontramos 188 alunos com 15 anos no primeiro ano e 123 no terceiro. Diante da hipótese já muito testada de que a escolaridade tem impacto na educação dos filhos, procuramos correlacionar a escolaridade da mãe com a perspectiva de continuidade dos estudos. Verificamos que a maioria dos estudantes (57%) com perspectiva de cursar uma faculdade têm mãe com o Ensino Médio completo, terceiro grau ou pós-graduação.

### **Acesso dos entrevistados à internet e às redes sociais**

A maioria dos estudantes acessa a internet com uma frequência maior que 11 horas semanais (38%), seguindo a mesma tendência dos professores, cuja maioria (34%) acessa mais de 11 horas por semana. Somente três professores costumam não acessar internet, e as duas atividades mais frequentes são enviar e-mails e realizar pesquisas de suporte às atividades docentes – 31 professores. Sobre as redes sociais, 35 docentes têm perfil na internet. E, assim como os estudantes, o Facebook é a rede social mais usada.

Numa busca por perceber a medida da prioridade do acesso às redes sociais, perguntamos: “Quando você liga o computador, qual é a primeira coisa que faz na internet?” Mais da metade dos estudantes acessam as redes sociais na internet como primeira ação do dia (55,4%). Em segundo lugar, também expressando a importância das ferramentas de relacionamento e sociabilidade, aparece a utilização de canais de comunicação *on-line* como MSN/Microsoft e G-Talk/Google com 8,1%. A navegação na internet para fazer pesquisas escolares (4,1%) e participar de assuntos políticos (0,2%) são atividades de uma minoria de estudantes. Essas frequências apontam para o fato de que a diversão e o lazer são os objetivos prioritários dos estudantes quando se trata de uso de redes sociais e outras ferramentas de interação social na internet. A quase totalidade dos estudantes (93%) tem perfil em redes sociais. Destes, 81,3% possuem perfil específico no Facebook.

As redes sociais se tornaram atividade tão rotineira e inscrita no cotidiano dos jovens que pode parecer absurdo perguntar se o entrevistado conseguirá ficar sem usar as redes por mais de uma semana. Obtivemos as seguintes frequências como resposta ao desafio hipotético: 55,2% afirmaram que sim, conseguiriam; 33,9%, que não conseguiriam ficar tanto tempo sem acessar as redes; e 4,9% deixaram de responder à pergunta.

Quase metade dos estudantes (47,6%) afirmou já ter se encontrado pessoalmente com alguém que conheceu nas redes, número um pouco maior do que os que não se encontraram (46%). Esta foi uma pergunta com significativo percentual de respostas em branco, quase 6%, o que pode significar

insegurança ou medo de responder a um assunto delicado, segredo a ser guardado em relação aos pais, responsáveis e professores. Dos que responderam que sim, 42% dizem que valeu a pena se encontrar com um desconhecido fora da internet e que o fariam de novo, contra 59,5%, que expressaram que a experiência foi ruim e não a fariam novamente.

Aqui vale a pena comentar sobre um dos mais comuns elementos provocadores de pânico de pais de adolescentes. A internet é um espaço-tempo social potencialmente perigoso para a investida de criminosos, pedófilos e aproveitadores. Sim, o perigo existe, mas também é possível verificar que nem todos os jovens são ingênuos neste campo e que é possível perceber que estes constroem suas próprias regras de informação e proteção, em especial no momento da marcação de encontros presenciais com desconhecidos. Isso ficou evidenciado em depoimentos que colhemos nos grupos de discussão, onde jovens revelaram suas “táticas de praticantes” ou “astúcias de caçador” (CERTEAU, 1994) na checagem e cruzamento de informações que lhes pudessem assegurar alguma tranquilidade e confiança ao se lançar frente ao desconhecido. O depoimento a seguir, de uma jovem estudante do noturno, é significativo das táticas utilizadas para marcar encontros sob a base de uma rede prévia e confiável de relacionamentos:

Eu sempre tive computador e eu entrava. Nove, dez anos em bate-papo. Mas era só pra fazer bagunça, eu falava que eu era loira, corpão! [...] E pegava as medidas da Scheila [pausa] da Scheila Mello, numa música do avião, que falava: “60 de cintura...”, né. Aí eu pegava e o homem pensava que era [pausa] E eu ria! Mas nunca me encontrei assim, com alguém desse jeito. Já me encontrei depois de grande, mas nunca foi um problema, é sempre assim, conhecido de algum conhecido meu, amigo de uma amiga, porque também eu não sou doída, né, mas nunca deu errado, não, graças a Deus. (ESTUDANTE VIII, 2013, informação oral<sup>7</sup>).

## O uso das redes sociais

São minoria aqueles que fazem pesquisas escolares (4,1%) e participam de assuntos políticos (0,2%) ao iniciar o computador. A opção de priorizar a entrada nas redes sociais nos primeiros momentos de utilização do computador expressa a centralidade que o meio adquiriu entre os jovens estudantes. Saber das novidades, ver as últimas postagens, ficar sabendo sobre quem curtiu, quem compartilhou e também o que está “bombando na rede”; tudo isso e muito mais explica o impulso de sociabilidade e a ansiedade de muitos jovens pela busca da conexão e entrada nas redes.

Dos 38% que acessam internet mais de 11 horas diárias, 33% operam para uso das redes sociais. Isso sugere que aqueles que mais tempo ficam na internet permanecem para utilizar as redes sociais. Além disso, quando se pergunta quanto tempo acessam as redes sociais, 35,1% apontaram que

permanecem ligados em tais redes mais de 10 horas, o que praticamente faz coincidir com as supostas 11 horas diárias de utilização da internet. Quase oitenta por cento (79,1%) acessam de casa, o que nos permite afirmar que a grande maioria possui computador em sua moradia.

Sobre a questão que podemos chamar de qualidade da interação nas redes sociais, apresentaram-se os seguintes dados: 23,1% publica conteúdo e comenta, 14,3% afirma publicar conteúdo próprio e a maioria (37,1%) respondeu que “*só olha o que está acontecendo*”.

## As redes na escola

Procuramos formular questões que nos permitissem compreender a influência da presença das redes sociais no cotidiano escolar. Para isso, indagamos sobre a frequência com que estudantes utilizam as redes sociais para trabalhos escolares. Dos estudantes, 55% marcaram a opção “*sempre que necessário*”, o que denota um viés de uso contingente e que pode estar associado à resolução de algum problema específico ou cumprimento de obrigação. A resposta “*com frequência*” foi a opção de somente 20%. Este menor percentual de uso das redes sociais para o trabalho escolar pode significar que as redes sociais não se constituem como o canal privilegiado para que os estudantes respondam às exigências de busca de conteúdos para trabalhos escolares.

O uso da rede para assuntos pessoais foi informado por 78% dos estudantes. Perguntou-se também se estes conversam sobre as coisas que acontecem na escola pelas redes sociais. Apesar de a pergunta ter dado margem para que se respondesse com assuntos “*não escolares*”, apenas 33% responderam positivamente. Esta resposta é particularmente instigante, pelo fato de obtermos um percentual de 78% de estudantes que admitem a existência de páginas relacionadas com a escola na internet.

Perguntamos aos estudantes se os professores costumam utilizar as redes sociais como ferramenta para tratar de assuntos escolares. A maioria (61,7%) reconheceu que somente alguns professores utilizam as redes para esse fim, 16,7% informaram que quase todos utilizam e 16,4% disseram que os professores nunca utilizam as redes sociais para tratar de assuntos escolares. Deixaram de responder 5,4% dos entrevistados.

A maioria dos estudantes entrevistados (59%) considera que o uso das redes sociais pela escola pode melhorar o aprendizado dos estudantes. Contudo, um percentual também expressivo (40%) respondeu que não acredita nesta possibilidade ou que não possui opinião formada sobre o tema. Ainda nesta temática associada à aprendizagem, indagamos se as redes sociais poderiam se constituir num

bom lugar para fazer circular conhecimentos científicos. O grupo majoritário dos respondentes (57,9%) concordou com o argumento de que isso ajudaria na aprendizagem. Outro e minoritário grupo de estudantes (21,3%) considerou que as redes sociais estão mais voltadas para relacionamentos e amizades, não sendo, assim, bom canal para a circulação de conhecimentos científicos. Os que declararam não possuir opinião formada sobre o assunto somaram 19,4%.

São 51,2% aqueles que gostariam que seus professores utilizassem mais as redes sociais para os estudos e trabalhos escolares. Um grupo expressivo (43,8%) respondeu que seus professores não utilizam as redes por não saber utilizar ou mesmo por não gostar de redes sociais. Um segundo e também expressivo grupo manifestou a opinião de que a não utilização das redes sociais nas atividades escolares seria devido ao descrédito de que possam vir a servir como instrumento pedagógico. É importante ressaltar que esta é a percepção dos estudantes em função da pergunta de pesquisa, e não necessariamente a resposta que os próprios professores poderiam dar. De qualquer forma, o resultado permite perceber ceticismo em grupo significativo de estudantes quanto ao envolvimento de alguns professores com as redes e as aprendizagens escolares.

Uma das professoras da escola mais ativas nas redes sociais relatou o seu processo de “conversão”, em grande medida sob a pressão de seus estudantes, para que entrasse no Facebook:

Eu demorei um pouco pra fazer, né? O tal do Facebook, por causa deles. Eles viviam perguntando: “Tem Facebook?”, e eu: “Não”. “Tem facebook?”, “Não!”. “Quando é que a senhora vai fazer Facebook?”. Eu: “Pô, não sei! Eu vou fazer um dia!” [...] Aí eu fiz, eu fiquei viciada, né? Agora eu fico e não saio mais. (Grupo de Discussão. Professora, n. 6).

Foram 23, do total de 44 que responderam ao questionário, os professores que se consideraram preparados para utilizar as redes sociais em articulação com as aprendizagens escolares. Identificamos duas polaridades naquilo que se refere ao uso das redes sociais por parte dos professores. Se, por um lado, há os que se demonstram inseguros e com sentimento de que “estão ficando para trás” diante da velocidade das redes sociais de internet, por outro lado, encontramos professores que já se lançaram para potencializar aprendizagens se valendo das redes sociais como ferramenta de relacionamento docente-discente. Os dois depoimentos a seguir são exemplares da referida polaridade:

Eu vejo uma sensação de uma aceleração muito grande pra tudo, né. Eu vejo assim, o tempo passando tão rápido que tem hora que eu, como professor, me vejo instantaneamente desatualizado com o presente, né? E me vejo assim, num beco de como é que eu vou me atualizar para este futuro que tá chegando. [...] E a escola que a gente trabalha ainda não tem nem, poxa vida, cinquenta por cento desse dinamismo todo. Os alunos já estão neste ímpeto deste dinamismo e a gente parece que tá carregando um elefante nas costas pra acompanhar isso tudo, né. Eu fico muito tenso dentro desta história toda aí. [...] “Caramba, a gente tem que correr pra poder acompanhar isso tudo”, porque eu fico muito inconformado nessa situação toda. Eu também não fico acomodado, eu fico muito mexido com isso tudo. Eu tô naqueles 15%

ali de não se sentir preparado pra essa atuação na dinâmica do jovem. Porque é uma febre, é um vício mesmo, né. E aí, eu me vejo no meu tempo não disponível para estar *linkado* à rede social, do jeito que essa garotada, eu vejo eles *linkados* o tempo inteiro. (Grupo de Discussão. Professor, n. 4)

Até que ponto que a gente consegue trabalhar com esse aluno pra que ele saiba fazer essa seleção [de conteúdos significativos de aprendizagem]? Até que ele veja o besteiro, porque são jovens, tão querendo rir [pausa] Até a gente vê besteiro e ri. [...] Mas como é que nós podemos trabalhar no sentido de que este aluno também veja outras coisas além do besteiro? Que possa produzir conhecimento, que possa também [pausa], porque as redes sociais, elas [pausa] é troca de conhecimento o tempo todo também. Ela pode ser. [...] É a aproximação também entre os professores, né? Entre o professor e o aluno. Eu acho que a primeira forma de você lidar com isso é o contato que você faz com o aluno através das redes, você já tá se aproximando dele, aí você cria um canal de confiança, né? Que o aluno passa a querer adicionar o professor e poder se comunicar, e através da rede social ele vai abrir mais esses horizontes. Porque eles usam muito pra entretenimento, né? (Grupo de Discussão. Professora, n. 1).

Os estudantes apontaram, contudo, que possuem poucos professores em suas redes sociais. Alguns professores (23), ao contrário, afirmaram que têm contato com alunos nas redes. Este resultado não é contraditório, uma vez que um professor tem várias turmas por ano. A maioria dos professores acredita que o uso das redes melhorou sua relação com os estudantes, ainda que os números tenham indicado que não existem tantos alunos interagindo com professores. É interessante observar que os professores (30 docentes) consideram que as redes podem ser melhor utilizadas para o benefício da escola como um todo do que para assuntos estritamente pedagógicos (23 docentes). Nesse sentido, parece se configurar a percepção de que as redes sociais estariam sendo vistas mais como instrumentos de fortalecimento de laços entre a comunidade do que como alternativa de melhoria da aprendizagem.

Sobre a concentração, somente cinco professores concordam que o uso das redes sociais desvia a atenção dos estudantes. Esta é uma resposta que aponta para um potencial de abertura da parte dos professores para a maior utilização das redes sociais no âmbito escolar. Estes, em sua maioria, contudo, admitem que não costumam fazer uso das redes sociais para assuntos de trabalho – dos 44 professores, somente 11 deles responderam positivamente esta questão.

Uma questão foi especialmente dirigida ao uso do laboratório de informática da escola. Sabíamos, antecipadamente, que a instituição exercia controle para que a utilização do laboratório não fugisse dos fins estritamente educacionais. Somente um professor assinalou a opção em que as redes poderiam ser liberadas na escola sem controle.

O relato abaixo, de uma professora, expressa a posição majoritária dos professores entrevistados: o laboratório de internet da escola deveria ter uso associado aos objetivos pedagógicos, ainda que fique evidente que esta ainda não é uma questão que esteja enunciada no Projeto Político Pedagógico da escola:

O uso deve ser livre? Liberado? É preciso pensar assim: que uso? Se é pro aluno no tempo vago. Ah, o laboratório tá lá, ele pode entrar e usar livremente. Ou se é no horário da aula do professor, se está dentro desse Projeto Político Pedagógico. Aí sim, aí você tem que pensar: não, tem que ter os objetivos. Qual é o objetivo da aula, né? Então se tem esses objetivos, nós vamos cumprir esses objetivos da aula. Ou então, se é pra ser utilizado livremente, eventualmente, quando o aluno estiver em tempo vago. Tem que se pensar nessa questão de se o uso deve ser liberado totalmente, né, ou se controlado. Eu acho que depende desse cotidiano da escola, de como a gente vai montar esse cotidiano da escola. (Grupo de Discussão. Professora, n. 2).

Ouvimos relatos de estudantes sobre alguns jogos que foram instalados clandestinamente ou até mesmo sobre adulteração de programas de forma a permitir a livre navegação nas redes sociais, algo que é interdito pela escola e pela Secretaria de Educação.

Endereçamos perguntas de maneira que os estudantes pudessem revelar suas percepções sobre a maior ou menor liberdade no uso dos computadores da escola para a navegação nas redes sociais. Houve equilíbrio de respostas entre eles: a maioria (37,5%) considera que a escola deve permitir o acesso às redes sociais com a presença de monitores ou professores, e 30,7% considera que o acesso pode ser liberado. Um grupo menor (24,6%), mas de percentual também significativo, considera que o acesso às redes sociais deve ser controlado. Uma minoria (5,7%) opinou pela proibição do acesso às redes sociais. Com liberdade ampla e irrestrita, com acesso monitorado por professores e monitores ou com controle automático, o resultado para esta questão é que quase todos os estudantes querem que as redes sociais habitem os computadores da escola.

Sobre a dificuldade de acesso à internet com o *Wifi* da escola, uma estudante do turno da manhã comentou:

O *Wifi* é muito restrito, só poucos sabem a senha, então tem que apelar pelo uso do crédito do celular ou de algum aparelho que utilize a internet sem ser o *Wifi*. Poucos têm a senha, seria bom ser distribuída a senha, saber [pausa], porque precisa, é utilizável. Na hora que tá fazendo um trabalho e precisa da internet em algum momento e não tem, não tem aquela disponibilidade de ter que ir na sala de informática, e não é possível ir no momento. Seria bom! (Grupo de discussão. Estudante. Manhã, n. 8).

Da mesma forma, e não apenas nos laboratórios de informática – e isso foi possível perceber nas entrevistas individuais, nos grupos de discussão e nas conversas informais –, há ampla expectativa de que o sinal de internet seja franqueado para que os estudantes naveguem durante os tempos vagos e intervalos no interior da escola.

Os depoimentos a seguir revelam a tensão entre o impulso de utilização do telefone celular na sala de aula e a consciência da dispersão que isso pode provocar com o conseqüente prejuízo da concentração nas aulas e da atenção ao que é dito pelos professores.

Entre uma aula divertida e mexer no celular, pra quem é viciado, claro que vai mexer no celular. Eu sou muito viciada assim, nessas coisas, eu fico dias! [...] Eu acho que liberando pra você ter na sala de aula é muito, acho que é errado, é muito errado você liberar o *Wifi* pra todo mundo. Por mais que você tenha que fazer uma pesquisa, eu acho que nem todo mundo vai compreender isso. Quando liberar o *Wifi* [pausa], você quer fazer pesquisa, mas o pessoal vai usar aquilo pra ser contra os professores e não assistir nenhuma aula, aí todo mundo tira nota baixa [...]. Por mais que eles estejam explicando tudo bem mastigadinho pra você, você tá prestando atenção no celular. (Grupo de Discussão. Estudante. Manhã, n. 3).

Parece que quando o professor fala, o celular te chama, o celular grita, grita até você pegar, quando você pega aí para de gritar, aí tu fica, fica, fica, fica, mas só quando ele começa a falar! Quando ele tá lá parado ou quando você tá lá falando com ele, ou falando com outra pessoa, não te chama! Aí o professor começa a falar, aí você pega o celular, aí atrapalha o professor que não tem culpa de nada. (Grupo de Discussão. Estudante, Manhã, n. 2).

Durante a pesquisa, foi uma surpresa perceber que alguns estudantes se acotovelam próximos a um muro lateral da escola, tentando captar o sinal de internet de um restaurante vizinho à instituição. A cena, repetidamente assistida, confirmou nossa percepção de que, ainda que a escola demonstre dificuldade para participar ou compreender os significados do fenômeno das redes sociais, estas penetram na escola, seja pelas subjetividades juvenis plenamente imbricadas do sentido de ser e estar nas redes, seja pelos sinais clandestinos que vencem os muros da instituição e disputam os sentidos dos jovens estudantes com os espaços e tempos escolares.

## Conclusão

Diante do novo cenário mundial, em que a realidade ganha espaços outros de interação, o ciberespaço surge como unidade de análise. Com o aumento do acesso dos jovens a este dispositivo, devemos repensar as formas tradicionais de aprendizagem e, se possível, em primeira instância, investigar como esta realidade está interferindo no relacionamento entre estudantes e professores. Novas dimensões pedagógicas desafiam a escola e seus sujeitos; assim, estratégias devem ser pensadas com o objetivo de atingir o público que passa mais tempo conectado à internet, em especial nas redes sociais, do que em sala de aula.

A pesquisa nos proporcionou oportunidades e dados para a reflexão sobre o perfil e os modos de navegação e relacionamento dos utilizadores das redes sociais. Saber que os jovens estão nas redes sociais, notadamente no Facebook, isso sabemos, mas como estes utilizam as redes ainda é um ponto-chave, que instiga a realização de novas investigações. É preciso aprimorar as ferramentas conceituais e metodológicas de observação e geração de dados de forma a proporcionar situações de maior proximidade com os modos de usar e simbolizar a prática nas redes sociais.

A resposta que demonstra uma majoritária postura passiva e contemplativa nas redes sociais é elemento significativo para explorarmos o conceito de “atitude” dos jovens das redes sociais. Os dados demonstraram que estar nas redes sociais pode significar tão somente seguir o fluxo das tendências, muitas delas capitaneadas pela própria mercantilização dos espaços de interação e compartilhamento na internet. A escola pode ser um contraponto importante na ampliação das capacidades de escolha e seleção de conteúdos para os seus jovens estudantes. Mas, para isto, ela precisaria ter presença mais ativa e consciente sobre os limites e possibilidades das redes sociais e também avaliar qual a medida de sua proximidade ou distanciamento do “mundo das redes sociais”.

Os estudantes da escola pública pesquisada são jovens trabalhadores, majoritariamente mulheres trabalhadoras, que possuem uma ampliada forma de interação e comunicação através das redes sociais, predominantemente pelo Facebook. Os jovens constituem novas sociabilidades e engendram novas subjetividades em um espaço-tempo pleno de potencialidades educativas.

Podemos afirmar que as redes sociais são, para os estudantes, um ambiente relacional e reconhecido por eles como um espaço de pertencimento e ludicidade. A vida escolar, muitas vezes distante desta realidade do estudante, encontra dificuldades de reconhecer que as redes sociais são, hoje, parte constitutiva e característica geracional das identidades dos jovens estudantes. Estes sujeitos, que permanecem distantes dos objetivos proclamados pela escola, estão ligados a uma rede de intercâmbio ampliada, atribuindo significados e aprendizagens de diversas naturezas e, em grande medida, sem estabelecer relações com os conhecimentos planejados no âmbito escolar.

A pesquisa demonstra que, apesar da comunidade escolar proclamar as redes sociais com certa positividade, na realidade, professores e estudantes têm dificuldades em compartilhar dos mesmos sentidos de pertença nas redes sociais. Existe uma evidente preocupação quanto ao uso das redes sociais para a consecução dos objetivos de aprendizagens planejados pela instituição escolar.

A maioria dos estudantes que respondeu ao questionário da pesquisa entende a rede social como um espaço de liberdade. Por um lado, observamos nítidos sinais de que os estudantes enxergam nas redes uma possibilidade de ampliar a intimidade, as relações de afeto, de amizade e também um canal informal para compartilhar questões de foro íntimo com seus professores. Por outra via, grande parte dos estudantes declara que os objetivos das redes sociais são de natureza diferenciada das finalidades educacionais da escola. E, nesse sentido, parece existir o temor de que a aproximação da escola às redes possa significar a perda de seu caráter lúdico e, conseqüentemente, a transferência das formas e conteúdos escolares para o espaço-tempo das redes sociais.

Como resultado do estudo de caso nesta escola, há expectativa positiva da utilização das redes sociais na interação entre professores e estudantes. Mesmo que a sua utilização como ferramenta tecnológica para objetivos de aprendizagem escolar ainda permaneça indefinida. Os professores parecem compartilhar da expectativa de que as ferramentas de redes sociais possam contribuir com o reconhecimento dos estudantes como sujeitos de outros tempos e espaços não escolares e que a escola possa se colocar em sintonia com as novas tecnologias da comunicação, que marcam a experiência da atual geração de estudantes.

As manifestações culturais juvenis, com destaque para as que se fazem notar pelas mídias eletrônicas, desafiam a instituição escolar e seus profissionais a criarem canais de interlocução e diálogo com seus jovens estudantes. Um cotidiano escolar transformado em comunidade de aprendizagem pode ser o caminho para a superação de tradicionais hierarquias de práticas e saberes, ainda tão presentes nas instituições escolares.

Há uma reconfiguração do processo educativo no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação e, em especial, frente à utilização das redes sociais no espaço da escola. Existem temores, por parte dos estudantes, em utilizar as redes sociais como uma ferramenta pedagógica de aprendizagem escolar. Ainda que reconheçam o potencial das redes sociais para a complementação e melhoria das atividades escolares, eles parecem sinalizar que as redes sociais são um espaço especialmente concebido como de entretenimento e sociabilidade entre pares juvenis. Por sua vez, os professores apostam nas redes sociais como ferramenta de ampliação do conhecimento sobre as múltiplas identidades dos estudantes e canal de potencialização das aprendizagens. A escola, contudo, não instituiu o debate sobre as redes sociais em seu Projeto Político Pedagógico. Tem sido iniciativa, então, de cada um dos professores estabelecer os próprios princípios norteadores e as práticas de relacionamento com o fenômeno das redes sociais de internet e o uso dos dispositivos móveis de comunicação na escola.

Nesse sentido, um dos desafios que a escola enfrenta passa a ser o de instituir processos coletivos de reflexão e planejamento para que juntos, professores e seus jovens estudantes, possam se contrapor à fragilidade da política institucional e superar a lógica de soluções individualizadas frente a uma questão que se refere à ordem do societário e do educativo ampliado. Dessa forma, como um Projeto Político Pedagógico coletivamente assumido e praticado, a reconhecida dificuldade da escola em cumprir sua função na aprendizagem significativa para os estudantes poderia dar lugar a novos arranjos relacionais que colocassem em conexão produtiva os “espaços-tempos da escola” e os

“espaços-tempos das redes sociais de internet”, sem desconsiderar os alertas dos jovens estudantes de que não lhes interessa que o *ciberespaço* se escolarize em demasia.

## NOTAS

<sup>1</sup> Em francês, a expressão equivale a dizer que os alunos vão passear ao invés de ir para a escola.

<sup>2</sup> Sobre a queda de interesse dos jovens pelo Facebook, notícia veiculada no jornal o Estado de São Paulo na internet informa: “O relatório Global Web Index, que analisa o desempenho das redes sociais no mundo a partir de uma base de 170 milhões de usuários em 32 países, aponta que no último trimestre o Facebook perdeu 29% dos usuários ativos jovens nos Estados Unidos, em comparação ao mesmo período do ano anterior, quando 79% de todos os adolescentes americanos faziam parte da rede social”. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/pesquisa-mostra-queda-de-usuarios-jovens-no-facebook/>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

<sup>3</sup> A Nova EJA é uma política de reformulação curricular, didática e metodológica para ser trabalhada com aluno sem defasagem idade/série na SEEDUC-RJ. Teve início em 2012 com o objetivo de substituir a EJA. Disponível em: <<http://projetoeduc.cecierj.edu.br/principal/nova-eja.php>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

<sup>4</sup> O Autonomia é um programa de aceleração de estudos feito em parceria entre a SEEDUC-RJ e a Fundação Roberto Marinho. Visa diminuir a distorção idade-série dos alunos da Educação Básica com idade mínima de 15 anos no Ensino Fundamental e de 17 anos no Ensino Médio utilizando a metodologia de vídeo-aulas do denominado programa “Telecurso”. Teve início em 2009. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=1790814>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

<sup>5</sup> O vídeo serve como síntese das problemáticas de investigação na forma de imagens e sons de maneira a aperfeiçoar a comunicação dos seus resultados, atingindo inclusive diferentes públicos. Ele é, simultaneamente, meio de observação, de documentação, provocação e estímulo à reflexão de todos os envolvidos. O vídeo-documentário (22 min.) “Uma escola entre redes sociais” pode ser assistido em: <<http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/uma-escola-entre-redes-sociais>>.

<sup>6</sup> Edital Apoio à Escola Pública da Faperj.

<sup>7</sup> Entrevista cedida ao autor no dia 23 dez. 2013. As demais menções ao depoimento da Estudante VIII dizem respeito à mesma entrevista.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, Pedro. Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade. **Sociologia: problemas e práticas**, Lisboa, v. 1, n. 41, p. 93-115, 2003.

ALMEIDA, Maria Isabel; EUGÊNIO, Fernanda. O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da internet no Brasil. In: NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (Org.). **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: PucRio; São Paulo: Loyola, 2006. p. 49-80.

ALVES, Nilza Gonzaga. **Minha vida é uma tela aberta: diários de jovens no YouTube**. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/minha-vida-é-uma-tela-aberta-diários-de-jovens-no-you-tube>>. Acesso em: 3 jul. 2016.

BARRÈRE, Anne. **L'éducation buissonnière: Quand les adolescents se forment par eux-mêmes**. Paris: Armand Colin, 2011. 228 p.

- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: 34, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BASTOS, Francisco Inácio et al. Comportamento sexual e percepções sobre HIV/Aids no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 1-2, jun. 2008. Editorial. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v42s1/01.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco Teórico e Referencial**: Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva de Adolescentes e Jovens. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Versão preliminar. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07\\_0471\\_M.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0471_M.pdf)>. Acesso em: 3 jul. 2016. 56 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino médio noturno**: democratização e diversidade. Coordenação nacional: Sandra Zákia Lian Sousa, Romualdo Luiz Portela de Oliveira, Valéria Virgínia Lopes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 11-27, maio 2000. Dossiê Juventude, Educação e Sociedade. Faculdade de Educação/Universidade Federal Fluminense.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; ALVES, Nilza. Jovens em tempos de web 2.0. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 74-79, out. 2012.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DUBET, François. **El declive de la institución**: profesiones, sujetos e individuos en la modernidad. Barcelona: Gedisa, 2006.
- DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo. **En la escuela**. Sociología de la experiencia escolar. Buenos Aires: Losada, 1998.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ESTUDANTE VIII. [nov. 2013]. Entrevistador: Paulo Carrano. Rio de Janeiro, 23 nov. 2013. 1 arquivo áudio-vídeo digital em posse do autor (40 min.). Entrevista cedida ao Observatório Jovem, Universidade Federal Fluminense.
- FEIXA, Carles. O quarto dos adolescentes na Era digital. In: COSTA, Márcia Regina; SILVA, Elizabeth Murillo (Orgs.). **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: EDUC, 2006, p. 79-

110.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e Juventude: Experiências do público e do privado na Cultura. **Cadernos Cedes**, v. 25, n. 65, p. 43-58, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: \_\_\_\_\_. **Em defesa da sociologia**. Ensaios, interpretações e réplicas. São Paulo: UNESP, 2001. p. 21-96.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Data Escola Brasil/2013**. Brasília: INEP, 2013. Disponível em: <<http://www.dataescolabrasil.inep.gov.br/dataEscolaBrasil/>>. Acesso em: 8 abr. 2013.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Retrato das Desigualdades Gênero e Raça/2011**. Brasília: IPEA, 2011. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/images/stories/pdf/primeiraedio.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

MARQUES, Eduardo Cesar. **Estado e redes sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: Fapesp, 2000.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

NOVAES, Regina dos Reis. Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina R. (Orgs.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 253-281.

PORTUGAL, Sílvia. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. **Oficina do CES** n° 271, março, 2007. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/271.pdf>> Acesso em: 6 jun. 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, Juliana Batista dos. **Transversalidade nos modos de socialização e individuação: experiências juvenis em rede**. 2010. 224f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-9QJJ9K>>. Acesso em: 3 jul. 2016.

SALES, Shirlei Rezende. **Orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil**. 2010. 230f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-8M4H42/orkut.com.escol\\_curr\\_culos\\_e\\_ciborguiza\\_\\_o\\_juvenil.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-8M4H42/orkut.com.escol_curr_culos_e_ciborguiza__o_juvenil.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 3 jul. 2016.

SCOTT, John. **Social Network Analysis**. London: Sage Publications, 2005, p. 7-37.

SHIRKY, Clay. **Cultura da Participação** – Criatividade e Generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

\_\_\_\_\_. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SPÓSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **Revista Usp**, São Paulo, v. 1, n. 57, p. 210-226, maio 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33843>>. Acesso em: 3 jul. 2016.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, n. 1, p. 7-47, mar. 2001.

## Social Networks on the Internet in High School – between mutual learning and school knowledge

### Abstract

The article is the result of a case study that used a quantitative and qualitative methodological approach, in a public high school in Rio de Janeiro. It contextualizes the education of youth in relation to societal changes using as references authors who look at sociology at an individual scale and processes of autonomization and youth educational experiences. The study was conducted in two stages. In the first, we issued a structured questionnaire to 1,224 students and 44 teachers. In the second stage we conducted individual and group interviews involving teachers and students. We sought to understand the presence of internet social networks in everyday school life and their use by teachers and students. The data allowed broadening understanding of the multiple interactions, conflicts and convergences between the subjects of the school based on the mediations of these networks. Differentiated interactions between teachers and students were found as well as different levels of skills among teachers and students. Faced with social networks, teachers express practices that have still not succeeded to reconfigure the Pedagogical Policy Project of the school studied.

**Key-words:** internet – high school – learning conditions – youth

## Les réseaux sociaux d'internet dans un lycée - parmi les apprentissages mutuelles et les savoirs scolaires

### Résumé

L'article est le résultat d'une étude de cas en utilisant la double approche méthodologique, quantitative et qualitative, dans un lycée public à Rio de Janeiro. L'éducation des jeunes se fait en contexte des changements sociétaux contemporains ayant comme auteurs de références de sociologie qui mettent en cause la sociologie au niveau des individus et des processus de l'autonomisation et de l'expérience de l'éducation des jeunes. La recherche a été menée en deux étapes. Dans la première, nous appliquons un questionnaire structuré pour 1224 étudiants et 44 enseignants. Dans la deuxième étape, nous avons mené des entretiens individuels et du groupe d'enseignants et d'étudiants. Nous avons cherché à comprendre la présence des réseaux sociaux d'Internet (RSI) sur la quotidienne de l'école et leur utilisation par les enseignants et les étudiants. Des questionnaires ont été appliqués et des interviews individuels et en groupe ont été réalisés avec des étudiants et enseignants. Nous avons cherché à comprendre la présence des réseaux sociaux de l'internet dans le quotidien scolaire. Les données nous ont permis d'agrandir la compréhension sur des multiples interactions, convergences et conflits parmi les sujets de l'école à partir des médiations de ces réseaux. Des mouvements différenciés d'interaction entre les enseignants et les lycéens ont été trouvés, ainsi comme des différents niveaux d'aptitude des enseignants et des étudiants. En face des réseaux sociaux, les enseignants expriment des pratiques qui n'ont pas encore réussi à constituer une reconfiguration du Projet Politique Pédagogique du lycée étudié.

**Mots-clés:** Internet. Condition d'apprentissage. Lycée. Jeunesse

**Paulo Cesar Carrano**  
E-mail: pc.carrano@gmail.com

**Enviado em:** 30/05/2015  
**Versão final recebida em:** 05/08/2016  
**Aprovado em:** 05/06/2016